

VIAGEM DE VOLTA

Por Miguel Sanches Neto

Tudo tinha começado com uma curiosidade. Alguns meses atrás não poderia se imaginar em Nova Iorque, cidade que nunca quisera conhecer. Fora sempre um homem rotineiro, dedicado ao campo, ao gado de leite, que é um gado mais sedentário do que qualquer outro, cuidando da lavoura e das atividades na cooperativa. E ali estava ele num hotel em Manhattan, sem falar inglês, vendo a gravura convencional na parede do quarto onde fica a cabeceira da cama. Uma paisagem impressionista, de um pintor conhecido, mas que ele não sabe quem é. Obras de arte nunca tiveram importância para Joost De Geus, que passara seus setenta anos (bem vividos, ele sempre achara) distante de tudo que tivesse o mínimo parentesco com as coisas do espírito. Em Carambeí, sua cidade natal, dedicara-se a atividades práticas, novos métodos de silagem, uma variedade exótica de pasto, equipamentos agrícolas. Todo o seu envolvimento com arte, até ali, tinha sido na organização da Casa da Memória do imigrante holandês. Ajudara a buscar nas propriedades vizinhas velhos tratores, plantadeiras, instrumentos de trabalho, e até doou coisas que pertenceram a seu pai, e tudo isso agora contava a história dos colonos rústicos que criaram um modelo agrícola de sucesso no interior do Paraná. A Casa da Memória tinha apenas instrumentos de trabalho, era uma história de luta pela sobrevivência, de homens que não se dedicavam a nenhum tipo de refinamento, uma memória do trabalho, do trabalho agrícola. Algumas famílias doaram quadros com paisagens locais – pinheiros, casas típicas. Isso não chegava a ser arte, era ainda o mundo circundante. Quase nenhum dos visitantes se interessava por esses quadros, todos queriam ver os implementos de 60 anos atrás – os holandeses tinham sido os pioneiros na mecanização da lavoura e na industrialização agrícola.

Mas Joost tinha ido a Nova Iorque para comprar um quadro. Não contara isso a nenhum de seus conhecidos, não falara nem para as duas filhas, que moravam em casas construídas na propriedade do pai. Desde a morte da mulher, Joost passara a ter comportamentos senis, na avaliação das filhas e dos genros. Interessava-se muito pouco pela lavoura e pelo gado, gastando a maior parte do tempo trancado em casa, com as cortinas fechadas, mesmo durante o dia. A depressão tinha tirado o velho agricultor de suas preocupações cotidianas. Não ia mais ao barracão de ordenha acompanhar o trabalho dos empregados, dos brasileiros, como ele gostava de chamá-los pejorativamente. Quando disse que iria passar uns dias em Nova Iorque, mesmo diante do inusitado deste projeto, as filhas ficaram contentes e trataram de incentivar. Tinham uma única preocupação: o pai vendera uma de suas propriedades mais distantes, por um valor abaixo do que ela valia, estavam numa época ruim para se desfazer de terras. Mas antes disso, ele dividiu o resto de seus bens, que valiam duas ou três vezes mais do que a fazenda negociada,

deixando claro que se preparava para o chamado. As filhas apenas estranhavam que o pai tão econômico subitamente precisasse de tanto dinheiro. Talvez tivesse uma amante e desejasse garantir o futuro dela. Mas o pai sempre fora ocupado demais com a lavoura e o gado para ter amante, e tudo indicava que amava mesmo a esposa, apesar da forma rude de tratá-la. E este sofrimento todo depois da morte, o isolamento na casa e o desinteresse pela vida indicavam que, sim, ele sentia muito a falta da mulher; e, num homem rústico como ele, isso podia ser sintoma de um amor nunca revelado de outra forma. Talvez ele fosse apenas guardar o dinheiro para segurança pessoal, viver em paz os seus derradeiros dias.

Agora a idéia da viagem talvez explicasse tudo; ele queria viajar, aproveitar o tempo perdido na solidão da roça. Não quis uma excursão. Fez uma viagem por conta. A agência de turismo arranhou passagens, hotel, um guia. Ficaria dez dias, e agora estava ali, sentado na poltrona, sem curiosidade para ver tevê ou olhar pela janela do quarto. Deixava apenas a luz do abajur acesa, fixando-se nas paredes do quarto, onde a paisagem impressionista imperava, falsamente. Sabia o que desejava ver naquela parede. Um quadro do pintor expressionista holandês Kees van Dongen, que seria leiloadado naquele dia na Sotheby's. Para isso tinha feito sua primeira, e provavelmente última, viagem internacional.

Tudo começara numa ida ao shopping de Ponta Grossa. A esposa já estava doente, e queria se divertir um pouco. Escolheram um filme no cinema, antes passariam por uma loja, ela iria comprar presente para uma das netas. Era começo de noite, a mulher escolhia um relógio e ele resolveu ir ao banheiro. No corredor, uma movimentação não muito grande, havia um coquetel, o prefeito discursava, ele se aproximou e viu dona Lily Marinho, que abria a exposição de sua coleção particular de arte. Ele se esqueceu do banheiro, entrou no meio das pessoas e se aproximou bastante de Lily, que ficara o tempo todo sentada ao lado do microfone. Na hora de falar, ela se ergueu lentamente e começou a agradecer a recepção num português com sotaque afrancesado. Joost se apaixonou na hora por dona Lily. Ela e Roberto Marinho tinham vivido um amor maduro, e, mesmo perto dos 90 anos, depois da morte do segundo marido, ela tinha o poder de encantar. Durante todo o tempo em que ela esteve no salão, Joost a acompanhou. Quando ela se retirou, ele ainda ficou mais um momento, encantando-se com o retrato que Kees van Dongen tinha feito dela em 1946. Era uma noite de festa em Paris, ela estava com um vestido preto, decotado, mostrando a pele muito alva do pescoço e do peito, um retrato respeitoso, mas que transpirava um ardor incontida. Kees deve ter se apaixonado por Lily, já casada com Horácio de Carvalho, seu primeiro marido, que só consentira que o pintor fizesse o retrato com a condição de poder comprá-lo. O pintor retratou a mulher por quem provavelmente se apaixonara, uma paixão impossível fora da arte, e foi obrigado a vendê-la para aquele que já tinha a seu lado a mulher em carne e osso. O pintor aceitou a imposição pelo prazer de pintar Lily, de transferir a imagem dela para uma linguagem de traços e cores e texturas. Sessenta anos depois, aquele quadro ainda comunicava este amor impossível.

Todo amor é impossível, pensou Joost, que não tinha o hábito de pensar nessas coisas.

Até ali sua vida tinha sido uma mentira. Nunca fora feliz. Não sabia para que tinha vindo ao mundo, com certeza não era para criar gado leiteiro, plantar soja, ajudar a administrar uma cooperativa agrícola. Talvez tenha sido para amar Lily Marinho. Amá-la a distância.

Quando chegou ao estacionamento, a família estava toda reunida em torno de seu carro. Uma das filhas viera em socorro, haviam procurado o fugitivo em todo o shopping, mas ninguém o imaginara na exposição. Joost não deu explicações e nunca mais se esqueceu do retrato, Lily em roupa de baile em Paris. Comprou as memórias dela e ficou sabendo um pouco sobre a grande dama. Quando sua mulher morreu, não pôde deixar de pensar que agora estava livre para viver aquele novo amor.

Tinha lido em algum lugar que o Dr. Roberto dissera que aquela Lily não era a sua. Joost podia dizer que era a Lily dele. Não tivera coragem de abordá-la na abertura da exposição, nem tentara um contato no Rio, uma mulher assim tão sofisticada não teria nem interesse sociológico em conhecer um holandês rústico. Mas surgira a chance de tê-la a seu lado para o resto da vida, uma vida que seria curta, talvez mais uns 10 anos, talvez menos. O importante era tentar tudo de novo. Tinha vivido sete décadas na expectativa de encontrar a mulher que lhe daria vida, pois ainda não tinha vivido, apenas durado para conhecer o amor.

Não procurava Lily nos noticiários, mas sempre se encontrava com ela em programas de tevê, em matérias nos jornais. Lia com o coração disparado as notícias, via quase sem fôlego suas imagens na tevê de sua casa, na Avenida dos Pioneiros, sentindo o cheiro opressor das granjas de porco, dos currais, da fábrica de salsicha. Seu amor não combinava com aquela paisagem, seu amor queria uma noite de baile em Paris. Nova Iorque era apenas o caminho para Paris.

Foi quando leu no jornal que Dona Lily iria leiloar seus bens – jóias, pratarias, obras de arte e fazendas. A reportagem revelava uma pessoa forte. Para evitar as disputas de herdeiros, ela não deixaria bens, mas dinheiro vivo. Declarou que talvez vivesse mais três anos, e isso foi dito sem mágoa nem medo, como uma coisa boa. Viveria mais três anos, e escolhera passar este tempo na casa do Cosme Velho, onde fora feliz com o segundo marido. Joost gostaria de passar os anos que lhe restavam em Paris, mas não saberia viver num país distante, dentro de uma língua que não conhecia, e a sua Paris era a de 1946. Resolveu então comprar o retrato de Lily.

Para ele, seria mais natural comprar uma de suas fazendas, talvez alguns de seus móveis, ou mesmo suas pratas, mas queria o mais difícil. O preço era exagerado. Lance inicial de US\$ 700 mil. Tinha dinheiro aplicado, mas resolveu vender uma de suas fazendas, como garantia. Usou as mesmas palavras de Lily na entrevista que ficara gravada em sua memória: “Não preciso mais dessas coisas. Não quero me aborrecer administrando fazendas”. E Joost se desfez de todas, distribuindo aos filhos as que não foram vendidas.

Viajou para Nova Iorque, fez os preparativos necessários para o leilão, e está agora, sem ter nem passeio pela cidade, esperando a vinda do intérprete para que possam ir à Sotheby's,

com medo de que aquela mulher não se adapte aos campos de Carambeí. Quando o telefone toca, ele sabe quem chegou. Arruma-se na frente do espelho, comprou roupas caras para a ocasião, acerta o nó da gravata, olha uma vez ainda para a paisagem impressionista. Nada se compara ao retrato. No pescoço de Lily há um colar, nos seus cabelos negros uma pluma, o céu é violeta, seria a própria luz da cidade modificando a cor da noite, e ela olha para Joost do fundo da tela, uma tela vista uma única vez, mas que em breve retornará a seu dono. Este é o mais famoso quadro de Kees van Dongen porque ele pintou não uma modelo, mas o amor.

Quando fechou a porta para tomar o elevador até o saguão e em seguida um táxi para se reencontrar enfim com a sua Lily, Joost sabia que estava começando uma longa viagem de volta a Paris.*

MIGUEL SANCHES NETO (PARANÁ). Escritor, Crítico Literário e Professor. Doutor em Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UFPG). É autor de dezenas de livros, entre romances, coletâneas de crônicas, ensaios e contos. Destaque para *Chove sobre Minha Infância* (Romance, Record, 2000), *Herdando uma Biblioteca* (Crônicas, Record, 2004) e *Venho de um País Obscuro* (Poemas, Record, 2005), entre outros. É um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea.